

**O PAI E A (A)LÍNGUA NA ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA: POSSÍVEIS
RESPINGOS DO SUJEITO LACANIANO SOBRE A ABORDAGEM DO EQUÍVOCO
EM MILNER**

Carla Vanessa Ribeiro Sales¹

Resumo

Este artigo aborda como a teoria da subjetividade lacaniana contribui para a concepção de língua que importa à Análise de Discurso francesa em seu terceiro tempo (AD-3), qual seja, a hipótese de que a língua suporta o real da alíngua (*lalangue*), sustentada por Jean-Claude Milner no livro *O amor da língua*. Nesses termos, visa compreender como, ao menos no contexto da AD-3, a construção do sujeito em Lacan afeta a ideia de que a língua, suportando o real de *lalangue*, suporta necessariamente o equívoco. Parte-se do argumento de que a metáfora do Nome-do-Pai, uma vez responsável pelo acesso do sujeito à ordem simbólica, responde também por conferir-lhe o *status* de sujeito desejante, razão pela qual a língua que o comporta destina-se incessantemente à equivocidade. Diante disso, julga-se possível sustentar que, na perspectiva da AD-3, o equívoco atravessa todo discurso.

Palavras-chave: Análise de Discurso francesa. Língua. Sujeito lacaniano. Milner.

**THE FATHER AND (LA)LANGUE: SPLASHES OF THE LACANIAN SUBJECT ON
THE APPROACH TO MISCONCEPTION IN MILNER**

Abstract

This article proposes to investigate how the Lacanian theory of subjectivity contributes to the conception of language that matters to French Discourse Analysis in its third stage (AD-3), that is, the hypothesis that language supports the real language (*lalangue*), supported by Jean-Claude Milner in the book *L'amour de la langue*. In these terms, it aims to understand how, at least in the context of AD-3, the construction of the subject in Lacan affects the idea that language, supporting the real of *lalangue*, necessarily supports the misunderstanding. It starts with the argument that the metaphor of the Name-of-the-Father, since it is responsible for the subject's access to the symbolic order, also responds by conferring on him the status of a desiring subject, which is why the language that contains it is intended incessantly to equivocality. In view of this, it is considered possible to maintain that, from the perspective of the AD-3, the mistake crosses all discourse.

Keywords: French Discourse Analysis. Langue. Lacanian subject. Milner.

¹ Universidade Federal de Pernambuco. Doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Pernambuco e mestre em Ciência Política pela mesma instituição. Especialista em Linguística Aplicada a Práticas Discursivas pela Faculdade Frassinetti do Recife (Fafire). E-mail: carlavans@yahoo.com.br.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Enquanto imersa no cenário epistemológico da terceira época da Análise de Discurso francesa (AD-3), a linguística depara-se com o que, no ato inaugural de Saussure, fora recalcado de seu meio em prol de uma cientificidade assegurada pela definição de seu objeto como um sistema imune a falhas: o sujeito e o real que, uma vez dele constitutivo, não deixa de retornar. Nesse contexto, o objeto linguístico passa a não mais admitir a exigência de completude e consistência tão própria à visão estruturalista, de acordo com a qual toda língua deve ser tratada como se ninguém a falasse ou, ainda, como se quem dela se servisse fosse constituído pelos registros do imaginário e do simbólico, apenas, sem levar-se em conta o nó que com eles faz a instância do real.

A noção de nó borromeano, como se sabe, está diretamente vinculada ao conceito de estrutura em Lacan – estrutura, todavia, que comporta um sujeito, sujeito do inconsciente, do desejo, da enunciação. Referir-se, portanto, às categorias imaginária, simbólica e real é, antes, referir-se a uma estrutura que, como tal, é pré-constituída e pré-constitui qualquer sujeito (LEITE, 1994), o qual em nada mais se traduz senão em puro efeito de linguagem.

Ainda que escape aos limites deste artigo aprofundar-se em explicações sobre os registros do Real, Simbólico e Imaginário (R/S/I), ter em mente que sua articulação constitui uma metáfora da estrutura (LACAN, 2005) evidencia toda sua importância no fato de a concepção de língua com a qual lida a AD-3 comportar a ideia de um real sobre o qual nada se escreve, “um rasgão que, atravessando uma superfície, a subverte irremediavelmente” (MILNER, 2006, p. 20).²

Na perspectiva da AD-3, com efeito, o objeto da linguística está longe de ser tomado como algo transparente, não obstante o seja como uma ordem própria – aspecto remanescente da teoria saussuriana. Pelo contrário, importa considerá-lo como sendo perfurado por uma série de falhas, lapsos e pontos de impossível, nos quais o equívoco não cessa de aparecer. A língua, nesses moldes, vê-se entrelaçada à *lalangue*.³

² Os registros do Real, Simbólico e Imaginário – já chamados de “a trindade infernal de Jacques Lacan” (Vieira, 2009, p. 1) – foram introduzidos no campo analítico em 1953, na conferência intitulada *O simbólico, o imaginário, o real* (Lacan, 2005). Noções iniciais e mais aprofundadas sobre essa tríade podem ser encontradas, além de no próprio Lacan (2005), em Dor (1989), Vieira (2009) e Clavurier (2013), por exemplo. Por ora, considerados os propósitos deste artigo, basta apenas lembrar, especificamente quanto ao Real, que se trata de “[...] toda uma parte [...] em nossos sujeitos que nos escapa” (Lacan, 2005, p. 13).

³ Aqui e em todo o texto, privilegia-se o neologismo *lalangue*, tal como Lacan o escreveu, no original francês. O uso que porventura venha a se fazer das traduções *alíngua* ou *lalíngua* estará circunscrito exclusivamente a citações literais. Em Lacan (1974), os editores chamam a atenção para o fato de que a tradução pelo termo *alíngua* traz o inconveniente de induzir o leitor a atribuir ao prefixo “a” a função de negação, ideia oposta à lacaniana. Por sua

Tratando das rupturas a que Análise de Discurso procedeu em relação a demais disciplinas, Possenti (2005) destaca que, nela, a língua não consiste em um instrumento, em uma espécie de ferramenta que os falantes utilizam para certos fins – do contrário, significaria concebê-la como algo completamente exterior ao sujeito, um sujeito que, na verdade, só é o que é por ser efeito de linguagem, por ser falado pela língua. Nesse sentido, o autor ressalva que, sendo bastante estreitas as relações entre a AD e a psicanálise, uma forma específica de conceber a língua é tomá-la nos termos do conceito de *lalangue*, elaborado por Lacan para dar conta da equívocidade⁴ que nela insiste sem cessar (TEIXEIRA, 2005, p. 112). Para ele,

o fundamento desta concepção é duplo: a) descartar, por um lado, as concepções da linguística que tentariam, por diversos caminhos, explicitar algum tipo de relação biunívoca entre uma certa cadeia sintática e seu sentido (...), sendo o tratamento da ambiguidade os casos modelares (...); b) por outro, propor que a língua seja constitutivamente equívoca, isto é, que a ambiguidade, para ficar no exemplo, nem é um caso marginal, nem pode ser “domesticada”. Segundo esta concepção, *uma língua é de fato uma alíngua*, ou seja, sempre “produz” derivas de interpretação, e não poderia, assim, garantir interpretações unívocas. O equívoco é exatamente o que se deve esperar (POSSENTI, 2005, p. 362 – com grifo no original).

Ainda que circunscrito a poucas páginas, este trabalho visa colaborar para a compreensão do modo como o sujeito lacaniano, já que constituído pelas categorias do imaginário, do simbólico e do real, contribui para a hipótese milneriana de que o objeto da linguística suporta o real de *lalangue* e daí, necessariamente, o equívoco – acepção de língua, como se sabe, em torno da qual gira a AD-3. Argumenta-se que o significante Nome-do-Pai, responsável que é pela introdução do sujeito na ordem simbólica, responde por conferir-lhe o *status* de sujeito desejante e por instalar *lalangue*, que “está sempre em condições de infectar a língua” (MILNER, 1987 [1978], p. 28). A teoria lacaniana da subjetividade, nesses termos, admite pensar-se que, ao menos da perspectiva da AD-3, todo discurso é atravessado pelo equívoco.

Finalmente, a pertinência da investigação aqui elaborada revela-se no fato de ser a partir da tese de que a língua suporta o não-Todo de *lalangue*, ou mesmo de que nada mais é senão o

vez, em *lalíngua*, o “la”, além de manter algum uso em português, permite evocar-se “lalação”, uma das tônicas do termo *lalangue*.

⁴ Deve-se ter em mente que, no âmbito da psicanálise, como também no da Análise de Discurso na França, o termo *equívoco* deve ser tomado antes na acepção de dubiedade do que na de erro, assim como o toma Lacan (1975): “Aponto aqui a convergência [...] do equívoco, com o qual acabo justamente de jogar, quando nele reconheço a abordagem predileta do inconsciente para reduzir o sintoma: contradizer o sentido” (p. 317).

Todo do não-*Todo*, que Milner sugere uma reconfiguração do objeto da linguística, abalando profundamente os alicerces da Análise de Discurso francesa, cujo quadro teórico Pêcheux elaborara desde a década de 60. A hipótese milneriana, assim, mostra-se fundamental à evolução daquela disciplina.

O tópico seguinte detém-se precisamente sobre a hipótese milneriana esboçada em *O amor da língua*, a ela tentando articular traços da concepção de um sujeito que adentra a linguagem pelas portas da metáfora paterna.

2 (A)LÍNGUA E EQUÍVOCO EM MILNER: “A LÍNGUA SUPORTA O REAL DA ALÍNGUA”

Publicado em fins dos anos 70 – quando Pêcheux principiava a rever a produção teórica que alicerçara a Análise de Discurso na França desde a década anterior, e Lacan encontrava-se em pleno terceiro tempo de seu ensino, com a consideração do objeto *a* no circuito das trocas simbólicas –, o livro *O amor da língua*, de Jean-Claude Milner (1987 [1978]), constitui um verdadeiro marco no interior da AD, na medida em que propõe reconfigurar-se o objeto linguístico à luz da psicanálise, sem, no entanto, abandonar-se Saussure.

Linguista, filósofo e ensaísta francês, Jean-Claude Milner recebeu, em sua formação, larga influência de Roland Barthes, Roman Jakobson, Louis Althusser e, notadamente, de Jacques Lacan, de cujos seminários participava. No seminário *Mais, ainda*, proferido entre 1972 e 1973, referindo-se à posição que deve tomar o linguista diante da questão de que “não há inconsciente senão do dito” e que, portanto, somente a partir deste pode-se tratar aquele, Lacan (1985b) assim recorre a Milner:

Por isso mesmo é que hoje – a propósito dessa hiância que eu quis exprimir um dia ao distinguir da linguística o que eu faço aqui, isto é, a linguística – eu pedia a alguém, a quem agradeço muito por ter querido aceitar, que viesse hoje lhes dizer qual é atualmente a posição do linguista. Ninguém melhor qualificado para isto do que este que lhes apresento, Jean-Claude Milner, um linguista (p. 136).

No mesmo seminário, posteriormente remetendo-se à *lalangue*, Lacan (1985b) ainda destacaria a importância da contribuição milneriana:

O que eu adiantava, ao escrever *alíngua* numa só palavra, era mesmo aquilo pelo que eu me distingo do estruturalismo, na medida em que ele integraria a

linguagem à semiologia – e essa me parece uma das numerosas luzes que projetou Jean-Claude Milner (p. 137 – com grifo no original).

Em *O amor da língua* – livro cujo pouco número de páginas não corresponde à densidade das reflexões que levanta –, Milner (1987 [1978]) toma para si o objetivo de enxergar a linguística enquanto afetada pela possibilidade da psicanálise. Partindo do pressuposto lacaniano de que tudo não se diz (LACAN, 1974) e que, portanto, a noção de Todo merece ser interrogada, o autor propõe-se à investigação do seguinte problema: “o que é a língua se a psicanálise existe?” (p. 17). Toda a obra, assim, irá gravitar em torno desse questionamento, diante do qual ele argumenta, logo no prefácio:

O campo freudiano é coextensivo ao campo da palavra. Mas a palavra em si mesma não vai em todos os sentidos, chocando-se sem cessar a isto: tudo não se diz. Pois há um impossível próprio à língua, que volta sempre ao seu lugar (...): os “diga, mas não diga”, a regra, o uso soberano, dito de outra forma um *real*. Este real, o ser falante tem de se arranjar com ele: o que há de espantoso que ele tente, no sentido próprio, domesticá-lo, com esta ciência que se diz gramática, com esta ciência que se diz linguística? (p. 07 – com grifo no original).

Afinado com o discurso da psicanálise, Milner (1987 [1978]) põe em xeque a ideia de uma língua caracterizada pela completude, de um Todo não percorrido por uma série de falhas, não atravessado por uma série de furos, não marcado pelo não-Todo, enfim. A seus olhos, bem como aos de Lacan, em *O aturdido* (1973), “para que algum Todo possa se dizer, é preciso um limite que, suspendendo-o, garanta como Todo construtível de maneira determinada” (p. 46). E esse limite é *lalangue*, “o real do simbólico” (MILNER, 2006, p. 34) com o qual o ser falante tem de se arranjar e aquilo que a língua, como Todo, insiste em negar. Considerar a linguística à luz da psicanálise, portanto, é

enunciar que, em matéria de língua, a ciência possa faltar. Ao que a ciência bem pouco poderá objetar, pois a este respeito a linguística não é como a lógica: o real em que ela se sustenta não é suturado, ele é percorrido de falhas – que se fazem notar do lugar mesmo da ciência (MILNER, 1987 [1978], p. 08).

Ao contrário, porém, do que à primeira vista possa sugerir, quando propõe uma releitura do objeto da linguística através das lentes da psicanálise, Milner não descarta os princípios do estruturalismo pelo qual a linguística alcançara um lugar ao sol da ciência.

A linguística estruturalista, regulada que era pelos princípios do mínimo e da evidência,⁵ buscou para si a afirmação do ideal da ciência kantiano, como instância simbólica, a que se refrata seu correlato imaginário: uma ciência ideal, de tipo euclidiano, que por suposição a encarna.⁶ Pelas mãos de Saussure, a linguística enquanto ciência inscrevia-se na totalidade de um sistema fechado, “que comporta uma inteligibilidade intrínseca, independente das variações individuais e de tudo o que pode figurar como ‘coisa no mundo’” (TEIXEIRA, 2005, p. 111).

Não obstante argumente para além do pressuposto da totalidade, do Um cristalino e imaginário, sem reverso nem impossível, pode-se afirmar que Milner adere ao estruturalismo, na medida em que faz da língua “uma estrutura heteróclita e, no entanto, tendendo para a regularidade” (MILNER, 2006, p. 34). Se é na referência à regularidade, a uma isotopia, que faz ecoar Saussure, é, por outro lado, na menção a uma estrutura heteróclita, heterotópica, que faz lembrar a psicanálise. Nos excertos abaixo, o autor expõe em que termos compreende o objeto da linguística e o estruturalismo, respectivamente:

(...) É preciso doravante admitir no éter da língua singularidades heterogêneas. Ora, a língua só se concebe claramente na isotopia absoluta: de qualquer modo que se a considere, ela deveria oferecer uma mesma fisionomia. Mas é o que os dados mais simples não confirmam: sempre na série dos lugares homogêneos levantam-se algumas singularidades (MILNER, 1987 [1978], p. 14).

É um fato que a linguística foi dominada de modo prevalecente por uma referência ao estruturalismo e é um fato também que esta dominação é, no presente, coisa do passado. Por estruturalismo convém entender aqui algo de preciso: não a visão do mundo insípida ou a epistemologia geral bastante simples que geralmente se designa por este nome, mas um conjunto de proposições não triviais, tocando o real da língua e a forma de sua representação [...] (MILNER, 1987 [1978], p. 31).

Fazer referência à ordem do real é remeter diretamente à falta originária da estrutura, à hiância pela qual o inconsciente é constituído. No entender de Jorge (2005), o real, longe de indicar aquilo que comumente se chama de realidade – pois esta consiste na montagem do simbólico e do imaginário (FALADÉ *apud* JORGE, 2005) –, é aquilo que escapa a esta realidade, o que não se inscreve de modo algum pelo simbólico, relacionando-se ao traumático, ao inassimilável, ao impossível. O real é, pois, o que retorna sempre ao mesmo lugar justamente

⁵ Pelo princípio minimalista, os conceitos de ciência devem ser deduzidos de um número mínimo de axiomas, expresso em um número mínimo de conceitos primitivos. Já segundo o princípio da evidência, os axiomas e conceitos primitivos dispensam demonstração ou definição, visto serem evidentes.

⁶ Para o modo peculiar como Lacan e Milner concebem a ciência, ver, respectivamente, Lacan (1966) e Milner (1996). Para uma reflexão comparativa entre as hipóteses defendidas pelos dois autores, ver Lima (2002).

por ser-lhe impossível submeter-se a qualquer simbolização. Ou ainda, como o diz Milner (2006), “em outras palavras, algo não cessa jamais de existir; algo não cessa jamais de se escrever – se, pelo menos, como supomos, isso fala; enfim, algo não cessa de se representar” (p. 09).

Ainda a respeito do real lacaniano, Zizek (*apud* TEIXEIRA, 2005) destaca pelo menos cinco aparentes paradoxos que o caracterizam. O primeiro deles refere-se ao fato de o real ser “o ponto de partida, a base do processo de simbolização, pois, de certa maneira, é a substância bruta, anterior ao simbólico, estruturada por ele, aprisionada em sua rede” (p. 88). Ao mesmo tempo, porém, é o que sobra daquele processo, aquilo que o excede, “o resto que escapa à simbolização e que é, como tal, produzido por ela” (p. 88).

O segundo par de oposições decorre do primeiro: “o real é a plenitude da presença inerte, positiva” (ZIZEK *apud* TEIXEIRA, 2005, p. 89). Entretanto, não obstante nada lhe falte, ele é, concomitantemente, o vazio, a falta central ao redor da qual se estrutura o simbólico, consistindo no próprio núcleo do inconsciente (Jorge, 2005).⁷ Tal núcleo, segundo Jorge (2005), é real, é uma falta originária constituída pelo objeto perdido do desejo – o objeto *a*, “verdadeiro motor da estrutura, como causa da própria estrutura do desejo” (p. 140) –, em torno da qual o inconsciente se estrutura, no simbólico, como uma linguagem.

A terceira aparente contradição está em que o real, assim como é o “núcleo sólido, o que sempre retorna ao mesmo lugar, a pedra em que a simbolização tropeça” (ZIZEK *apud* TEIXEIRA, 2005, p. 89), também se revela essencialmente inconsistente, de modo a evaporar-se, quando se tenta captá-lo em sua positividade. Daí Milner (2006) escrever:

Assim se articula, como vindo de uma boca de sombra, o que seria o nome próprio do real, se ele pudesse ter um – irreduzível à mínima descrição definida e anterior a qualquer julgamento de existência, já que ele é seu suporte [...]. [...] Alguém então que crê nomear o real de fato nomeou outra coisa. Construiu, por deslocamento equívoco, uma instância em relação à qual todo dito se reduz a: o que é só pode ser como é. Nesse ponto, o silêncio se instaura, e o não-pensamento, tendo todo dito desde já encontrado a palavra-mestra que, de antemão, o tornou inútil (p. 16 e 17).

⁷ Para Dor (*apud* KAUFMANN, 1996), no sentido da descoberta freudiana, o inconsciente seria “essa função impossível que é relacionar algo de simbólico com algo de real: o objeto que causa o desejo e produz o sujeito numa divisão”. Segundo ele, o inconsciente adviria, assim, como um efeito de separação entre o simbólico e o real, donde a afirmação de Lacan: “A meu ver não há outra definição possível de inconsciente. O inconsciente é o real. Meço minhas palavras se digo – é o real na medida em que ele é furado. Avanço um pouquinho além do que tenho o direito, já que sou o único que o diz, que continua a dizê-lo. Logo todo mundo o repetirá e, à força de levar muita chuva, isso acabará por virar um belíssimo fóssil” (DOR *apud* KAUFMANN, 1996, p. 271).

O quarto par de oposições remete ao fato de que “o real é o contingente que faz descarrilar o automatismo do simbólico, o grão de areia que bloqueia o circuito equilibrado da máquina” (ZIZEK *apud* TEIXEIRA, 2005, p. 89), razão pela qual nunca se pode apreendê-lo em seu dado positivo, mas apenas discerni-lo a partir de seus efeitos na estrutura, entre os quais se aponta o equívoco.

A quinta oposição, por fim, relembra o clássico aforisma *o real é o que não cessa de não se escrever*, sendo, assim, o impossível que escapa ao escrito, de cuja impossibilidade, ao mesmo tempo, decorre o fato de se poder tocá-lo pelo escrito, de ser-lhe possível delimitar o lugar vazio (ZIZEK *apud* TEIXEIRA, 2005).

Inserir a categoria de real na estrutura regular da língua, marcando-a, assim, pelo não-*Todo*: eis o que precisamente Milner (1987 [1978]) propõe à linguística, em *O amor da língua*. Ao problema “o que é a língua se a psicanálise existe?” (p. 17), ele lança a hipótese com a qual trabalharia a Análise de Discurso francesa em sua terceira época: “a língua suporta o real da alíngua”, o que nada mais é senão a tradução da tese de que “a língua suporta a alíngua enquanto não-toda” (p. 19). Dito de outro modo, significa dizer que a língua, sendo o “*Todo do não-Todo*” (p. 72), destina-se necessariamente ao equívoco:

Um modo singular de produzir equívoco, eis o que é uma língua entre outras. Assim, ela se torna coleção de lugares, todos singulares e todos heterogêneos: de qualquer lado que se considere, ela é outra para ela mesma, incessantemente heterotópica. Assim, ela se faz igualmente substância, matéria possível para os fantasmas, conjunto inconsciente de lugares para o desejo: a língua é, então, o que o inconsciente pratica, prestando-se a todos os jogos imagináveis para que a verdade, no domínio das palavras, fale (p. 15).

Se a psicanálise é levada em conta, portanto, falar em língua é considerá-la um tecido confeccionado com linhas de falhas que se entrecruzam e recobrem-se em parte, pelas quais a falta, suporte do desejo, transita. Eis por que a verdade não se diz toda, “porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras” (LACAN, 1974, p. 508). O ponto no qual língua e desejo se articulam é, pois, com o que deve lidar a linguística, e esta, em Milner (1987 [1978]), não pode ser concebida senão de braço dado à *lalangue*:

Aqui, toca-se na essência do que, da linguística, interessa à psicanálise. Para resumi-la a seu mínimo, a tese freudiana poderia ser dita assim: o fato de que haja língua tem a ver com o fato de que haja inconsciente, de onde se seguem que os mecanismos de uma repetem aqueles do segundo [...] e reciprocamente. Donde se segue mais precisamente que um ponto pode ser definido onde a língua – ao mesmo tempo o fato de que exista, e o fato de que ela tenha tal forma – e o desejo inconsciente se articulam. Este ponto, ao contrário de Freud, Lacan o nomeou: é alíngua – ou, o que é o mesmo conceito: o ser falante, o fala-ser (p. 42).

Em *O aturdido* e na última lição do Seminário 20, intitulada *O rato no labirinto*, Lacan (1973 e 1985b) forja o conceito de *lalangue*, visando com ele abarcar a equivocidade que atravessa a língua, vez que o real imprime nela sua marca. Embora uma análise aprofundada dessa noção não componha os objetivos deste trabalho, não é demais reproduzir algumas das palavras do psicanalista francês (1973) e, logo em seguida, de Milner (2006), a respeito:

Esse dizer provém apenas do fato de que o inconsciente, por ser “estruturado *como uma* linguagem”, isto é, como *lalíngua* que ele habita, está sujeito à equivocidade pela qual cada uma delas se distingue. Uma língua entre outras não é nada além da integral dos equívocos que sua história deixou persistirem nela. É o veio em que o real [...] se depositou ao longo das eras (LACAN, 1973, p. 492 – com grifos no original).

Alíngua, enfim, toca no real; na medida em que não a esgotam nem os efeitos da comunicação, nem os espaçamentos do discernível. O sintoma mais imediato é um impossível: por mais multiplicados que sejam os ditos [...], sempre permanece algo que não se diz. Faltam as palavras, dirão, apontando assim o sintoma do real sob as espécies do defeito. Mas convém acrescentar que algo se diz sempre a mais, que não era pedido – de que se pedia que não falássemos. É esse o efeito necessário das homofonias que há e da metalinguagem que não há: nenhum ser falante pode vangloriar-se de ter o domínio dos ecos multiplicados de seu dizer. É, pois, igualmente, como Um a menos e Um a mais que o real insiste nas redes de alíngua, como convém ao que, por si, não resulta nem da conta imaginária, nem do cálculo simbólico (MILNER, 2006, p. 32).

O conceito de *lalangue*, ao remeter à ideia de não-Todo, remete imediatamente à noção de falta e, daí, à noção de desejo, na medida em que, se há sujeito desejante, é porque houve inscrição da falta no desejo da mãe, uma falta própria da linguagem (CHEMAMA, 1995). O significante do desejo da mãe, proibido para sempre, persiste no inconsciente, vez que recalçado, embora insista repetitivamente em se representar. O sujeito, então, para exprimir seu desejo impossível, não tem outra saída senão pendurar-se na cadeia metonímica do discurso (DOR *apud* KAUFMANN, 1996) e ceder ao deslizamento significante. Nesses termos, diz Milner (1987 [1978]), “toda questão sobre alíngua pode ser traduzida em uma questão sobre o ser falante”, outro modo de dizer que “alíngua é aquilo através do que um ser pode ser dito falante” (p. 62). E ainda:

O ser falante supõe um nome, mas o nome supõe o ser falante. O enunciado mesmo do círculo já suscita o semblante de sua resolução: o nome que chama a ser o fala-ser [...] só pode subsistir como falta, visto que, no tempo que precede a proferição do nome, falta o fala-ser que o profere. O conjunto de

locuções onde o nome do fala-ser deveria advir será, pois, estruturalmente, sempre falho; o operador *todos* nunca será lícito a seu respeito. Em resumo, este conjunto é não-Todo: o fala-ser só saberia especificar-se daquilo que nomeia o não-Todo das nomações – alíngua (p. 62 – com grifo no original).

Ora, se a noção de *lalangue* vincula-se à de um ser que somente o é porque nominável, de um ser falante e, por isso, faltante, resta evidente que a metáfora paterna protagoniza o processo de introdução da própria *lalangue*, na medida em que responde pelo acesso do sujeito à ordem simbólica. Se Milner (1987 [1978]) sustenta que “nada é nomeável a não ser por uma articulação da alíngua” (p. 47), é porque, no sujeito, a metáfora do Nome-do-Pai recalcou o significante do desejo da mãe, a saber, o significante fálico, o significante da falta no Outro S(A), submetendo-o à lei do desejo desse Outro incompleto, razão por que, a partir de então, “o sujeito fala sem saber exatamente o que diz” (DOR *apud* KAUFMANN, 1996, p. 268). Na clara explicação de Lebrun (2004),

(...) se consente em se tornar sujeito, a passagem do contínuo de seu ser ao descontínuo de sua fala inscreverá a perda irremediável de uma parte de seu ser. O indivíduo pensante e falante está, pois, condenado a não mais se dizer a não ser pela metade, nunca chegará a dizer tudo. A partir daí, o que é designado por sujeito em psicanálise é sempre atingido por uma barra: o sujeito humano, longe de ser um sujeito pleno, contínuo, nunca é alcançável a não ser em eclipse e seu ser está, pois, condenado a não ser mais alcançado, mas a somente se fazer “representar” (p. 175).

É nesses termos que Balbo (2004) sustenta que a língua nos causa, se supõe-se “barrado o artigo definido que a enuncia, barra que dá, nesse golpe, à sua letra *a* a função de objeto falante” (p. 124 – com grifo no original). Segundo ele, *lalangue* não se confunde com nenhuma das línguas faladas correntemente nem, tampouco, corresponde à língua materna, nada mais que uma “infantilização da língua comum e sistematizada nos outros” (p. 124). Pelo contrário:

Essa língua é qualquer coisa. (...) Ela procede da causa, já que é em função do objeto *a*, e em particular do objeto voz, que ela sustenta o desejo; ela comanda a linguagem inconsciente, visto que é feita de cadeias de significantes. (...) A língua nos causa, ou alíngua, ou ainda, em um sentido privativo da letra – a alíngua, para mostrar que ela não é o Outro do Outro, mas simplesmente o Outro, nisso que ele apresenta um buraco em torno do qual ele se “tora” (p. 126).

Lalangue é, então, como menciona Leite (2004) citando Lacan, “língua morta, língua do desejo que necessita sofrer recalçamento para que o falante, enfim, viva” (p. 185), longe de deixar-se abocanhar pelo desejo da mãe. Desse recalçamento, pelo Nome-do-Pai, segue que o

desejo do Outro materno, responsável pela constituição do sujeito desejante – *o desejo do homem é o desejo do Outro*⁸ –, põe-se a deslizar incessantemente sob a barra do significante, furando a língua e consagrando-a de modo definitivo ao equívoco. Jerusalinsky (2004) endossa esse argumento de maneira explícita: “Então a alíngua é introduzida justamente pela função paterna, ou seja, pela metáfora Nome-do-Pai que corta o gozo do usufruto do desejo materno” (p. 89).

Se “a língua suporta o real da alíngua” (MILNER, 1987 [1978], p. 19), é que um sujeito clivado, capaz de desejo e não-simetrizável nela está inserido – dela, enquanto cadeia significante, tornou-se propriedade intrínseca (MILNER, 1996, p. 86). Eis, nas palavras de Teixeira (2005), de que modo a concepção de sujeito, em Lacan, contribui para a hipótese milneriana defendida em *O amor da língua*:

O homem, sim, está na língua, mas como “ausência” (afanizado), como impossibilidade que insiste em se dizer. Essa interpretação faz aparecer a falha que o próprio *real da língua* vem escrever na linguística (p. 113 – com grifo no original).

Se a psicanálise existe, portanto, a língua é aquilo que, suportando o real de *lalangue*, suporta necessariamente a ambiguidade, a polissemia, o equívoco, enfim. Nesse contexto, a linguagem é mesmo uma deriva (Lacan, 1973), aversa a interpretações unívocas ou à domesticação. Pelo contrário: como escreveu Possenti (2005), “o equívoco é exatamente o que se deve esperar” (p. 362), ou ainda, para lembrar Milner (1987 [1978]), “o real equívoco resiste: a língua não cessa de ser por ele desestratificada” (p. 13). A nós, enquanto seres falantes, só nos cabe arranjarmo-nos com ele.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No meio do caminho tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho/ tinha uma pedra / no meio do caminho tinha uma pedra. // Nunca me esquecerei desse acontecimento / na vida de minhas retinas tão fatigadas. / Nunca me esquecerei que no meio do caminho / tinha uma pedra / tinha uma pedra no meio do caminho / no meio do caminho tinha uma pedra. Carlos Drummond de Andrade

No breve percurso que trilhou por terras da Análise de Discurso francesa em seu terceiro momento (AD-3), bem como pelos domínios da psicanálise lacaniana, este trabalho propôs-se

⁸ Um dos clássicos aforismas lacanianos. Ver, por exemplo, Lacan (1998, p. 41).

a compreender de que modo a concepção de sujeito comum a essas disciplinas exerce influência sobre a tese milneriana de que a língua, sendo o Todo do não-Todo que é *lalangue*, suporta inapelavelmente o equívoco. Argumentou-se que a metáfora do Nome-do-Pai, respondendo pelo recalçamento originário e pelo conseqüente acesso do sujeito à linguagem, lugar de um Outro incompleto, responde também pela introdução do sujeito na dimensão do desejo, um dos motivos pelos quais toda língua resta consagrada à equivocidade, à falha. Nesses termos, sustentou-se a hipótese de que, no âmbito da AD-3, o equívoco atravessa todo discurso, vez que o simbólico vê-se incessantemente furado pelo real.

A teoria da subjetividade elaborada por Lacan, com suas noções de imaginário, simbólico e real, contribui para a hipótese sustentada por Milner em *O amor da língua*, qual seja, a de que o objeto da linguística suporta o real de *lalangue* – o que equivale a dizer que o equívoco é da própria estrutura da língua. Nesse momento, ficou evidenciado que essa contribuição se dá a partir do instante em que é um sujeito volátil, evanescente, marcado para sempre pela impossibilidade de se dizer todo e de tudo dizer que está na língua. Diante disso, a cicatriz que o estigmatiza – cicatriz de um encontro com o Nome, do ingresso no mundo da linguagem, pelo Nome-do-Pai – também há de estigmatizar a língua, traduzindo-se em nada mais, nada menos que em um destino de constante oscilação, de perene claudicar.

À luz da linguística de Milner, portanto – linguística afetada pela possibilidade da psicanálise e do sujeito que dela é parte –, no meio do caminho da simbolização tem a pedra do real de *lalangue*. Tem uma pedra no meio do caminho da simbolização, tem uma pedra. No meio do caminho da simbolização tem uma pedra. E é nela que, de um dia para sempre, a língua há de todos os dias tropeçar.

REFERÊNCIAS

BALBO, G. A língua nos causa. In: VORCARO, A. **Quem fala na língua?:** sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, 2004.

CHEMAMA, R. **Dicionário de psicanálise.** Tradução de Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CLAVURIER, V. Real, simbólico, imaginário: da referência ao nó. **Estudos de Psicanálise**, n. 39, p. 125-136.

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan:** o inconsciente estruturado como linguagem. Tradução de Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artes Médicas, 2009.

JERUSALINSKY, A. A metáfora paterna e sua relação com a alíngua. In: VORCARO, A. **Quem fala na língua?:** sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, 2004.

JORGE, M. **Fundamentos da psicanálise:** de Freud a Lacan, v. 1. 5. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise:** o legado de Freud e Lacan. Tradução de Vera Ribeiro e Maria Luiza Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

LACAN, J. A ciência e a verdade (1966). In: LACAN, J. **Escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, J. **Nomes-do-Pai.** Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

LACAN, J. O aturdido (1973). In: LACAN, J. **Outros escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. Televisão (1974). In: LACAN, J. **Outros escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. Talvez em Vincennes... (1975). In: LACAN, J. **Outros escritos.** Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LACAN, J. **O seminário, livro 20:** mais, ainda (1972-1973). Tradução de M.D. Magno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985b.

LEBRUN, J.-P. **Um mundo sem limite:** ensaio para uma clínica psicanalítica do social. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

LEITE, N. **Psicanálise e Análise do Discurso:** o acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Campo Matemático, 1994.

LEITE, N. Corpolingüagem. In: VORCARO, A. **Quem fala na língua?:** sobre as psicopatologias da fala. Salvador: Ágalma, 2004.

LIMA, M. O sujeito da experiência psicanalítica entre o contingente e o necessário. **Ágora: estudos em teoria psicanalítica,** Rio de Janeiro, v. 5, n. 2, p. 295-310, jul./dez., 2002.

MILNER, J.-C. **O amor da língua.** Tradução de Ângela Cristina Jesuino. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987 (1978).

MILNER, J.-C. **A obra clara:** Lacan, a ciência e a filosofia. Tradução de Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

MILNER, J.-C. **Os nomes indistintos.** Tradução de Procópio de Abreu. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2006.

POSSENTI, S. Teoria do discurso: um caso de múltiplas rupturas. In: MUSSALIM, F. e BENTES, A. (2005). **Introdução à linguística:** fundamentos epistemológicos, v. 3. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

TEIXEIRA, M. **Análise de Discurso e psicanálise:** elementos para uma abordagem do sentido no discurso. 2. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

VIEIRA, Marcus André. **Real, simbólico e imaginário:** a trindade infernal de Jacques Lacan. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, 2009.

Submetido: 16/01/2023

Aceito: 11/12/2023